

KHADY E CLARISSE: MUTILAÇÕES BLANCHOTIANAS

Lucelia Hoepers¹
Daniel de Oliveira Gomes²

RESUMO: O presente artigo busca analisar algumas formas de “automutilação”, tanto física quanto psicológica, que existem na ficção e também na realidade, abordando assim, algumas questões blanchotianas como o sentimento de solidão essencial, a angústia autoral e a ficcionalização do sofrimento em geral. O artigo terá como objeto de estudo a automutilação feminina institucionalizada pela sociedade, tendo como foco o livro autobiográfico “Khady mutilada”. Priorizará, também, a música “Clarisse” composta pelo cantor e compositor Renato Russo que usa de sua solidão para se comunicar com o mundo e segundo Blanchot quem ler sua obra, também corre o risco dessa solidão.

PALAVRAS-CHAVE: Mutilação física. Mutilação psicológica. Automutilações.

ABSTRACT: This paper analyzes some forms of "mutilation", both physical and psychological, which also exist in fiction and in reality, thereby addressing some issues blanchotianas as the essential feeling of loneliness, anxiety and copyright fictionalization of suffering in general. The article will be object of study female self-mutilation institutionalized by society, focusing on the autobiographical book "Khady mutilated." Prioritize, also, the song "Clarisse" composed by singer-songwriter Renato Russo uses his loneliness to communicate with the world and second Blanchot who read his work, also runs the risk of this solitude.

KEYWORDS: Physical mutilation. Psychological harm. Self mutilation.

1) Introdução: automutilação na ficção

O presente artigo tem por objetivo explorar algumas formas de mutilação que existem na literatura, sendo essa uma temática muito ampla, que em termos blanchotianos, considera qualquer tipo de dor, angústia, apagamento, sofrimento, loucura, como formas gerais de mutilação.

A literatura, por ser uma arte, consegue amenizar a mutilação, ao mesmo tempo em que, por mais contraditório que pareça, ela própria parece ser uma forma de mutilação, a qual, no campo da psicologia, é vista como uma doença ou uma patologia; na literatura, a mutilação pode ser vista como expressão do sentimento

¹ Graduada em Letras Português e suas Literaturas de Língua Portuguesa pela UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste)-PR. Pós-Graduada em Educação Especial, pelo ESAP (Instituto Avançado de pós-graduação).

² Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor adjunto na Universidade Estadual do Centro-Oeste – Paraná.

reprimido. Esse é um dos maiores interesses desta pesquisa: a reflexão sobre a vida de alguns artistas canônicos que, mesmo passando por difíceis rupturas, de cunho social ou psíquico, escreviam interessantes textos no afã de cicatrizar suas diversas mutilações. E como esse tipo de arte de fuga da dor acaba por emergir como justamente uma nova forma de mutilação, deixando marcas no corpo e no corpus, ou seja no autor e na obra a qual expressa o seu eu interior.

Analisando as várias tragédias gregas, percebe-se que, na literatura clássica antiga era comum a existência de personagens que se castigavam e puniam a si próprios por seus crimes ou pecados, muitas vezes por medo dos deuses, ou mesmo em honra à palavra sagrada do soberano, que visava a punição de uma vergonha disseminada como mutilação coletiva no centro de uma sociabilidade. Assim, parafraseando Nucci e Dalgalarondo (2000), a mutilação ocular cometida por um dos mais famosos mitos envolvendo esse tipo de mutilação, Édipo – protagonista da peça de Sófocles “Édipo Rei” é considerada pela ciência a mais grave das automutilações. As mutilações oculares são tão antigas quanto o registro da civilização ocidental.

A igreja católica também registrava esse tipo de pecado cometido pelos cristãos, e as passagens bíblicas comprovam esse tipo de punição. Segundo o evangelho de Matheus (6:22-23) “a cadeia do corpo são os olhos e se eles forem bons todo o seu corpo será, mas se for o contrário todo o teu corpo pagará”. E, ainda de acordo com Matheus (5:29), “se algum membro do teu corpo te escandalizar, você deverá arrancá-lo, é melhor entrar no céu com um membro a menos do que todo o corpo ir para o inferno”.

Édipo, quando percebeu que havia cometido um erro irreversível, tomou tal atitude, pois os seus olhos o haviam escandalizado e ele próprio havia jurado punição para o assassino do rei Laio. Sabe-se que essa não foi a única mutilação de Édipo, pois quando ele era ainda um bebê, teve os pés furados com espinhos de cravo e, quando foi encontrado no deserto por um pastor, os pés estavam inflamados; daí decorre a origem de seu nome Édipo, que significa “pés inchados”.

Outro exemplo é a automutilação psicológica do poeta romântico Junqueira Freire. Ela é facilmente percebida ao analisarmos sua obra, na qual dor e

arrependimento podem ser percebidos em “Inspirações no Claustro”: “Cantei o monge, por que ele é escravo, não da cruz, mas do arbítrio de outro homem. Cantei o monge porque não há ninguém que se ocupe de cantá-lo. É por isso que cantei o monge, cantei também a morte. É ela o epílogo mais belo de sua vida seu único triunfo” (FREIRE, 1855).

Em seus poemas, Junqueira Freire mutila sua alma sob um sofrimento infinito que parece não acabar mais; trata-se de uma sensação quase real uma dor que lhe invade o ser e essa dor é provocada por uma tristeza que consegue tocar no fundo de seu coração.

Segundo Pedro de Souza, “o corpo e o sujeito são resultados de uma articulação de linguagem no ato da escrita, que ao mesmo tempo lhes interpreta, lhes dá forma” (SOUZA, 2006, p.215). Nesse sentido, pode-se perceber o poder das palavras, inclusive chegando a efeitos maiores que os de uma mutilação física, pois as palavras permanecem e vão assolando cacos corpóreos bem devagar. Isso foi o que ocorreu com Junqueira Freire vivendo os piores dias de sua vida em um mosteiro e desejando ardentemente sua própria morte; e, enquanto ela não chegava, ele descrevia todo esse sentimento de revolta pela própria vida.

Muitas vezes, quando ocorre a automutilação física, as pessoas passam a trocar a dor psicológica que estão sentindo por uma dor física que supõem ser menos penosa. Desde poeta Junqueira Freire até o cantor e compositor Renato Russo, têm-se a escritura como um refúgio secular, e existiram muitos poetas que amenizaram e aprofundavam suas dores psicológicas escrevendo tudo o que sentiam, embora pareça contraditório, alguns poetas ainda utilizam a escrita como fuga da realidade. Entretanto com Blanchot, podemos compreender a realidade como um conceito que não se afasta da ficção, ao contrario, a ficção é o que a torna, a certa medida, selvagem e infinitamente possível.

É interessante observar que os dois autores aqui citados, viveram em épocas muito diferentes e distantes, mesmo assim eles têm muitos aspectos em comum, como se pode perceber nesse trecho da música “Clarisse”, escrita pelo compositor Renato Russo em 1997: *“eu sou um pássaro, me trancam na gaiola, e esperam que*

eu cante como antes, eu sou um pássaro me trancam na gaiola, mas um dia eu consigo resistir e vou voar por um caminho mais bonito” (RUSSO, 1997).

Nesse trecho da música, é possível relacionar os dois poetas pelo fato de Junqueira Freire ter vivido os piores dias de sua vida preso em um mosteiro, trancado em uma gaiola, esperando sua liberdade, que só veio a conseguir depois de sua morte.

Segundo Dubuffet, a arte é uma linguagem que libera na obra nossas vozes interiores que nunca são manifestadas, ou, quando saem, apresentam um som quase mudo e abafado. Cabe à arte quebrar justamente a casca do homem social e policiado, e fazer-se exprimir suas vozes interiores de homem selvagem, pois o meio social modifica o homem, e ele perde sua verdadeira natureza pouco a pouco (DUBUFFET, 2004, p.147).

De acordo com Dubuffet:

Seus aquisições, seus hábitos, funcionam como freios que entram automaticamente em ação, independentemente de sua vontade [...]. É indispensável, se quisermos produzir uma criação de arte de qualquer valor, suprir esses freios, ao menos quando se quer impedi-los de funcionar. Ora, é próprio da loucura quebrar esse freios, forçar as portas dessas eclusas e precipitar toda a onda violenta de sua selvageria (DUBUFFET, 2004, p.147)

Desse modo, fica claro que muitos artistas fazem da arte uma maneira de conceber recortes, retalhos, tiras sob os seus instintos mais loucos e expressam todo o sentimento vivido e guardado no subconsciente. Também se entende que esse momento chamado de inspiração ou delírio é único; portanto deve ser aproveitado inteiramente, devendo-se jogar para fora tudo o que puder.

Dessa maneira, pode-se supor porque, por exemplo, Van Gogh mutila sua orelha, pois é arte o momento de loucura que não podia esperar, o mesmo aconteceu com Junqueira Freire e Renato Russo e com muitos outros artistas. De acordo com Barthes, “cada indivíduo é conhecedor de sua loucura cada um é demente dos próprios olhos, conhece a fundo o seu delírio e perde sua razão somente aos olhos dos outros a quem se conta a sua loucura e discursa sobre ela” (BARTHES, 1991, p.144).

Outra forma de mutilação física que gostaríamos de tratar curiosamente é a mutilação genital feminina, com o apoio do livro autobiográfico “*Khady Mutilada*”, que conta uma história real, vivida por uma menina de oito anos.

Khady fez parte de um rito africano, uma cultura preservada no Senegal, país situado na costa oeste da África, na qual as meninas com até oito anos de idade são submetidas a um ritual de purificação, chamada de excisão ou retirada do clitóris. No livro, a escritora relata a experiência vivida do início ao fim e também a frieza com que tudo acontece.

Parafraseando Khady, esse tipo de ritual não tem nada haver com religião. Na África negra, a excisão é praticada tanto pelos animistas, cristãos, muçumanos quanto Judeus falashas. A origem remonta muitos séculos antes da religião muçumana. Os homens a quiseram por diversas razões: continuar no poder, garantir que a mulher não procuraria outro genitor e que os homens de tribos inimigas não violariam suas mulheres. Existem outras explicações; que o sexo da mulher é impuro diabólico, o clitóris em si é diabólico. Alguns ainda dizem que o clitóris é um pênis minúsculo que poderia fazer sombra na virilidade masculina.

A verdadeira razão dessa brutalidade contra as mulheres é a dominação masculina, o poder dos homens sob as mulheres. Segundo Khady, “a ablação do clitóris é o símbolo da submissão”. (KHADY, 2006, P. 152). E a religião foi o grande pretexto para tal barbaridade.

De acordo com a autora, privar as mulheres do prazer não basta para privá-las do desejo, pois a sexualidade de uma mulher mutilada é tão triste para ela quanto para o homem.

Tendo introduzido o tema da automutilação na ficção, e apresentado os objetos de estudo da presente artigo, gostaria de propor a leitura de “Clarisse”, música de Renato Russo.

2) Clarisse: e o risco da solidão.

Clarisse

Estou cansado de ser vilipendiado, incompreendido e descartado
 Quem diz que me entende nunca quis saber
 Aquele menino foi internado numa clínica
 Dizem que por falta de atenção dos amigos, das lembranças
 Dos sonhos que se configuram tristes e inertes
 Como uma ampolheta imóvel, não se mexe, não se move, não trabalha.
 E Clarisse está trancada no banheiro
 E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
 Deitada no canto, seus tornozelos sangram
 E a dor é menor do que parece
 Quando ela se corta ela se esquece
 Que é impossível ter da vida calma e força
 Viver em dor, o que ninguém entende
 Tentar ser forte a todo e cada amanhecer.
 Uma de suas amigas já se foi
 Quando mais uma ocorrência policial
 Ninguém entende, não me olhe assim
 Com este semblante de bom-samaritano
 Cumprindo o seu dever, como se eu fosse doente
 Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente
 Nada existe pra mim, não tente
 Você não sabe e não entende
 E quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito
 Clarisse sabe que a loucura está presente
 E sente a essência estranha do que é a morte,
 Mas esse vazio ela conhece muito bem
 De quando em quando é um novo tratamento
 Mas o mundo continua sempre o mesmo
 O medo de voltar pra casa à noite
 Os homens que se esfregam nojentos
 No caminho de ida e volta da escola
 A falta de esperança e o tormento
 De saber que nada é justo e pouco é certo
 E que estamos destruindo o futuro
 E que a maldade anda sempre aqui por perto
 A violência e a injustiça que existe
 Contra todas as meninas e mulheres
 Um mundo onde a verdade é o avesso
 E a alegria já não tem mais endereço
 Clarisse está trancada no seu quarto
 Com seus discos e seus livros, seu cansaço
 Eu sou um pássaro
 Me trancam na gaiola
 E esperam que eu cante como antes
 Eu sou um pássaro
 Me trancam na gaiola
 Mas um dia eu consigo existir e vou voar pelo caminho mais bonito
 Clarisse só tem 14 anos...

Aqui tratamos da mutilação psicológica e física, tendo como objeto a música
 “Clarisse” escrita pelo cantor e compositor Renato Russo, e lançada no ano de 1997.
 A música fala de emoções e sentimentos do autor em relação a uma menina de 14
 anos que vive no mundo das drogas.

Renato Russo não apenas apresenta o problema social vivido por muitos jovens, mas também faz reflexões sobre a falta de atenção a essas pessoas. O egoísmo em relação aos problemas alheios que não nos deixa ajudar as pessoas que precisam de auxílio e atenção, dessa forma continuam desamparadas e de certo modo recortadas da normatividade da sociedade, “um mundo onde a verdade é o avesso”.

Clarisse representa os jovens que pedem ajuda todos os dias nas ruas e que a sociedade lhes dá as costas, devido ao seu próprio egoísmo. O compositor expõe essas questões, sentimentos, emoções e, acima de tudo, a realidade vivida por jovens de diversas classes sociais. Atráves de suas músicas, Russo critica as pessoas, o sistema e os governantes.

Além da mutilação física presente na letra, percebe-se também a mutilação psicológica, pois nas músicas de Renato Russo notam-se sentimentos depressivos; sabe-se que ele sentia-se muito só, como se pode perceber nesse trecho. Russo coloca, “e quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito Clarisse sabe que a loucura está presente e sente a essência estranha do que é a morte, mas esse vazio ela conhece muito bem”.

Neste trecho, pode-se perceber que Clarisse vivia sob os efeitos das drogas. Para não se sentir sozinha e deixar envolver-se pela loucura da sua solidão, ela buscava refúgio naquele mundo. O cantor expressa em seus personagens o que ele sentia, transpondo para o papel tais sentimentos.

Segundo Maurice Blanchot (1987), o escritor pertence à obra, na forma em que se relaciona com ela, e em que divide o momento de sua solidão, pois é através da obra que expressa o seu sentimento, e se concretiza quando a obra mostra a intimidade de alguém que escreve e se identifica com alguém que a lê. Dessa forma, considera-se que a obra está sempre inacabada, sempre à procura de um leitor que possa completá-la de alguma forma.

Parafraseando Blanchot, o artista só conseguirá acabar sua obra, no momento em que morrer, o que parece ser contraditório, pois o artista não pode estar morto, uma vez que sua obra existe e que há leitores se identificando com ela.

Assim, sobre esse assunto vale destacar: “A obra é solitária: isso não significa que ela seja incomunicável, que lhe falte o leitor. Mas quem a lê entra nessa afirmação da solidão da obra tal como aquele que a escreve pertence ao risco dessa solidão”. (BLANCHOT, 1987, p.12).

É nesse sentido que se relaciona Renato Russo com a música Clarisse, pois sabe-se que o cantor tentou suicídio algumas vezes. E as automutilações psicológicas por ele vividas ficam nítidas nas letras das músicas, nas quais o cantor expressava todo o seu desalento com relação aos seus problemas e aos problemas do mundo.

O compositor, apesar da fama, sentia-se só, era depressivo e convivia com problemas de saúde, isso o tornava mais sensível ainda. A sensibilidade foi a principal ferramenta para escrever as suas poesias, nas quais ele revelava toda a dor existente dentro da sua alma, pois o que se percebe é que eram as palavras que o mutilavam e o deprimiam.

No primeiro trecho da música, o autor dialoga como se estivesse falando com alguém, ou reclamando da falta de atenção que as pessoas têm uma com as outras, ou com ele mesmo. A impressão é de que se trata de uma pessoa próxima a ele, talvez seu pai ou um amigo.

Em seguida, ele fala de um internamento que não se pode definir: uma clínica de tratamento para viciados, ou o tempo em que teve que colocar pinos na bacia e por conta disso teve de ficar na cama por quase um ano, segundo ele como uma “ampulheta imóvel não se mexe não se move”.

Sabe-se que Renato também foi dependente químico e em vários trechos da música ele fala desse problema, mas também faz uma alusão com o livro autobiográfico “Eu, Christiane F, 13 anos drogada, prostituída” (Kai Hermann e Horst Hieck, 1986). Que conta uma história real de uma menina viciada em heroína que passou por problemas semelhantes aos dele, mais na música é representada por uma personagem com o nome de Clarisse. De acordo com o cantor, “E Clarisse está trancada no banheiro e faz marcas no seu corpo com o seu pequeno canivete deitada num canto seus tornozelos sangram”.

A mutilação de que ele fala na música é característica de pessoas com dependências químicas, que geralmente se fecham para o mundo, criam um mundo de dor, desespero, angústia, deprimidos com o seu eu interior que é a única forma de entender a si próprios.

A dor chega a um ponto tão avançado que cortar o próprio corpo é como se aliviasse a dor interior, e segundo autor “a dor é menor do que parece” (RUSSO, 1997).

De acordo com Barthes,

Depois de discutir sobre o fato, os cientistas chegaram a conclusão de que os animais não se suicidam; mas pelo menos alguns cavalos, cachorros tem vontade de se mutilar. É, no entanto, a propósito de cavalos que Werther enaltece a nobreza que marca todo suicídio: “Fala-se de uma raça de nobres cavalos que, quando estão terrivelmente cansados, tem o instinto de se abrir eles próprios uma veia, com uma dentada, para respirar mais livremente”. Assim se passa comigo frequentemente: tenho vontade de abrir uma veia, para me segurar a liberdade eterna.

E o poeta continua falando dessa dor que é imensa e que ninguém consegue entender; da vontade que se tem de ser forte e de lutar por uma vida melhor, deixar as drogas, mas que sem ajuda de alguém é impossível.

Nesse sentido, pode-se perceber que o autor está se lamentando, pois um viciado perde tudo, família, casa, emprego, amigos. De acordo com o poeta, nada mais existe pra ele, “não tente, não se aproxime, você não sabe, não entende”. De acordo com o compositor a, “falta de esperança e o tormento de saber que nada é justo e pouco é certo e que estamos destruindo o futuro que a maldade anda sempre aqui por perto”. (RUSSO, 1997)

Tendo em vista Blanchot – que diz que o silêncio adquire forma quando é escrito, no sentido de que o escritor da vida ao silêncio da sua intimidade, que quando a escrita está em forma de uma obra –, o silêncio já não é mais do autor e se torna simplesmente a fala de alguém, fazendo-se então universal (BLANCHOT, 1987).

Pode-se compreender o silêncio como *corpus* quando é reproduzido na forma de uma obra, um livro ou uma música, pois nesse momento o autor reproduz os

seus sentimentos, a escrita de uma alma mutilada. Essa é a diferença entre corpo e *corpus*, o primeiro é a matéria e o segundo é a representação da alma a qual só pode ser vista quando escrita e jamais de outra forma.

Parafraseando Blanchot, o artista pertence à obra, mas o que pertence ao artista é somente o livro, um amontoamento de palavras mudas e as mais insignificantes que existem no mundo. O escritor acredita que a única forma de acabar com a sua solidão é acabando a sua obra, mas o que deseja terminar é interminável e associa-se a um trabalho ilusório.

Nesse sentido, é possível entender o que Blanchot diz, a obra só acaba quando o artista morre, entende-se que o que morre é o corpo e o que continua vivo é o *corpus*. Dessa forma a obra de arte está intimamente associada à “solidão essencial” e será explorada por muitas pessoas as quais darão várias interpretações tentando decifrar o enigma reproduzido pelo silêncio do autor.

Segundo Blanchot, tanto as obras de arte, quanto as obras literárias, não são nem acabadas nem inacabadas, ou seja, elas são o que nos dizem o que nos representam e a forma como nos tocam é exclusivamente isso e nada mais.

3) Automutilação de Khady

Neste momento, aprofundamo-nos mais na mutilação física contra mulheres, pois, segundo Renato Russo, “a violência e a injustiça que existe contra todas as meninas e mulheres, um mundo onde a verdade é o avesso e a alegria já não tem mais endereço” (CLARISSE, 1997).

Nesse sentido, tratar-se-á da mutilação genital feminina, baseada no livro autobiográfico “Khady Mutilada” que descreve a história de uma menina que teve seu órgão genital mutilado em nome de um ritual de seu povo.

Parafraseando Khady, a mãe conduz a filha à casa de uma mulher de casta e que seja reconhecida pela sociedade senegalesa, que geralmente é uma senhora com mais de cinquenta anos de idade, depois vai embora. Khady descreve uma

antiga casa onde existe um quarto e uma cozinha, as meninas ficam em outro cômodo esperando chegar a sua vez; enquanto isso escutavam os gritos da outra criança que está lá dentro sendo mutilada, sem entender ao certo o que está acontecendo. Elas ficam apavoradas.

O choque é brutal, a escritora lembra que as irmãs mais velhas também já haviam passado por isso e revive imagens que certamente haviam reprimido sua mente.

Segundo Janaína Carvalho,

O corpo humano é um objeto ao qual a sociedade atribui significados, expectativas e sensações, ditando-lhe normas, seja em relação à estética, à expressão, à saúde, à higiene, à sexualidade. Por tudo isso, ele não pode ser visto somente como suporte da natureza, submerso em processos biológicos e filosóficos. Ele é, mais do que isso, “uma massa de modelar à qual a sociedade imprime formas, que são na verdade a projeção, a fisionomia, o espírito da própria sociedade”. (CARVALHO, 2002 p. 27).

Segundo a autora, aos sete anos de idade a criança ignora a existência do clitóris e sua função; a única coisa que contava era o anúncio de uma dor pavorosa da qual se ouvia vários ecos a que ela não conseguiria escapar.

Antes de a protagonista ser submetida à mutilação física a qual estava destinada, ela teve que ficar horas ouvindo gritos de outras meninas sem sequer saber o real motivo, a única coisa que tinha certeza é de que algo terrível aconteceria. Nesse sentido, nota-se que houve uma forma de mutilação psicológica os sentimentos de medo, angustia, agonia e revolta.

Khady escreve:

Não tínhamos o direito de olhar o que estavam fazendo com a outra. Lá dentro, naquele momento, havia três ou quatro mulheres e uma menina. Quando escutei os gritos pavorosos dessa menina, minhas lágrimas rolaram. Não havia mais escapatória, era preciso passar por aquilo. (KHADY, 2006, p.16).

De acordo com Khady, duas mulheres a agarraram e arrastam-na para o quarto, seguraram sua cabeça e seus joelhos para que ela não se mexesse; a outra segurava suas pernas afastadas. A mulher puxa com os dedos o minúsculo pedaço

de carne e corta como se cortasse um pedaço de carne de Zebu. Infelizmente, ela não consegue cortar tudo de uma única vez, então é preciso raspar, o que a faz sentir muito mais dor e os gritos que soltou ainda ressoam nos ouvidos, é possível ouvi-los em seu eu interior. Gritava desesperada; gritava pelo pai, pela mãe, pois estavam lhe matando. E a mulher corta e apara com muita naturalidade.

Tendo em vista Carvalho:

O indivíduo é considerado doente, mutilado ou deficiente conforme critérios e modalidades fixados pela sociedade da qual ele faz parte. Partindo dessa perspectiva, a retirada de um órgão ou de um membro desse corpo pode adquirir um caráter de mutilação, levando a uma estigmatização do indivíduo, conforme a representação social desse corpo e desse órgão (CARVALHO, 2002, p.13).

Nesse contexto Khady, o que se sente é uma dor inexplicável, que não se parece com nenhuma outra. “A dor é tão forte, como se amarrassem as tripas, como se existisse um martelo dentro da cabeça, e essa dor se espalha por todo o corpo, não dói em um lugar preciso, mas em todos os lugares ao mesmo tempo, como se um rato esfaimado a estivesse corroendo por dentro, ou um bando de formigas” (KHADY, 2006). E a dor está inteiramente ligada em todos os membros do corpo, dos pés à cabeça. E durante uns cinco minutos essa mulher raspou e aparou até ter certeza de que não havia mais nada que havia tirado tudo.

Nesse sentido, entende-se que a mutilação física, além deixar cicatrizes no corpo, deixa também “na alma”, como a própria autora relata no livro. Recentemente, esta diferenciação clássica entre corpo e alma é desmistificada por Jean Luc Nancy, para quem alias o corpo perfeito não existe, o corpo é sempre disforme, marca-se por ser uma diferença entre outros, o corpo é sempre mutilado. Dirá ele que: “Diferentes, los cuerpos s on todos algo desformes. Un cuerpo perfectamente formado es un cuerpo , molesto, indiscreto,em lo mundo de los cuerpos, inacceptable. Es um diseño no es cuerpo” (NANCY,2007,p.18) Segundo Khady, toda vez que relembra o terrível momento, consegue sentir novamente a mesma dor. Esse tipo de mutilação que existe naquele país é uma brutalidade institucionalizada culturalmente contra as mulheres, principalmente as crianças, pois a excisão causa muito mal para essas meninas na fase adulta, tanto física quanto psicológica.

Tendo em vista a autora,

É uma dor que eu nunca consegui definir. Nunca conheci nada tão violento ao longo de minha existência. Eu dei à luz, sofri de cólicas renais – cada dor é diferente. Naquele dia achei que estava morrendo e pensei que não ia acordar. A dor era de tal maneira forte que eu queria dormir, cair desmaiada. (KHADY, 2006, p18).

Khady relata não entender por quais motivos haviam feito essa violência no seu corpo de criança, não compreendia, pois ninguém havia lhe advertido, nem as irmãs mais velhas, nem as amigas. Portanto esse ato é totalmente injusto e de uma crueldade gratuita e inexplicável. E pela cabeça de criança passam várias perguntas, como “do que a estão me punindo?” “E essa parte do corpo que cortaram com uma lâmina de barbear servia pra quê?” Por que a tiraram, uma vez que nasci com ela?

Isso mostra toda a sua indignação perante o ato brutal ao qual a menina foi submetida: “Eu carregava algum mal em mim, alguma coisa diabólica que precisava ser extirpada para me permitir rezar diante de Deus? Incompreensível” (KHADY, 2006, p. 19).

De acordo com Carvalho, “cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios, entre eles a atitude corporal, seja através dos gestos, da respiração, do andar, da entonação da voz, da postura, das regras do lazer corporal, da atividade sexual, da estética corporal”. (CARVALHO, 2002, p. 26).

Segundo a autora, a dor durou um mês e meio, depois ela parou completamente de pensar naquilo, e nem fez perguntas. Ninguém a advertiu que a vida futura de mulher não seria a mesma das outras. Mas ela não deu atenção ao fato, pois não havia entendido qual o verdadeiro motivo da mutilação.

Dez anos depois, a menina foi compreender o destino de uma mulher senegalesa, percebendo que o corte íntimo a privaria para sempre de uma relação sexual normal. E que havia nela uma flor desconhecida a qual foi cortada e que, por conta disso, não desabrocharia jamais (KHADY, 2006).

Existem muitas mulheres africanas, como ela, que acreditam que isso era normal – transformá-las em esposas submissas apenas para dar o prazer aos seus

maridos: “E só o que lhes restava era colher a flor nova cortada para ele e observá-la murchar antes do tempo” (KHADY, 2006, p. 23).

No contexto Khady:

Em um canto da minha cabeça, continuo sentada de baixo da mangueira da casa de meus avós, no lugar onde eu era feliz e fisicamente intacta. Pronta para me tornar adolescente, depois mulher, pronta para amar, pois teria sentido necessariamente o desejo... Que me foi proibido. (KHADY, 2006, p. 23).

A mutilação genital feminina é muito grave e deixa sequelas para o resto da vida; várias meninas sofrem problemas psicológicos e de comportamento. Em função da mutilação sofrida na infância, algumas crianças contraem infecções e acabam morrendo.

Segundo Khady, as mulheres submetidas a esse tipo de abuso não sentem prazer sexual, e passam a sentir raiva do parceiro em razão disso, pois sentem muita dor na hora da relação sexual, e porque geralmente os casamentos são arranjados as meninas casam com parentes distantes que elas nem conhecem. A hora do parto se torna mais dolorida ainda, pois, segundo Khady, a cicatriz rasga e a dor é imensa.

A mutilação genital feminina que existe no Senegal é de ordem cultural; dessa forma pode ser considerada como uma automutilação, no sentido de que são as próprias mulheres cometem esta brutalidade contra si próprias, pois “a excisão ou infibulação são preconizadas pelos homens e executadas pelas mulheres, por razões erradas” (KHADY, 2006, p.151). São elas que praticam esse ritual, aceitando a teoria masculina de que isso deve ser feito pela religião. Assim se auto-mutilam, e essa cultura vai passando de geração em geração até que a modernidade e as informações sejam levadas a essas mulheres e elas entendam que isso nunca foi necessário.

Tendo em vista Carvalho (2002), a sociedade tem essa necessidade de construir a religião para se ter um sentimento de comunhão com o universo como um todo. A religião dá às explicações para o que acontece na vida, principalmente as

coisas que não são de fácil compreensão. São usadas também para justificar a organização social, inclusive as tradições.

Segundo Carvalho:

O conceito de técnicas corporais refere-se às maneiras pelas quais os homens, em diferentes sociedades, servem-se de seus corpos e, concomitantemente, os representam. A partir destes dois conceitos, temos a formulação de que o corpo humano é socialmente construído e representado. Cada sociedade, à sua maneira e através de processos diversos, irá atribuir determinados significados ao corpo, de tal forma que “o corpo humano se transforma em texto e seus atributos anatômicos em significantes”. (CARVALHO, 2002, p. 26).

Khady depois de se tornar uma mulher e ter filhos compreende o que realmente havia ocorrido em sua infância, escreveu um livro contando toda a história de sua vida e da experiência que viveu de mulher submissa e criança mutilada. A autora fez parte de um GAMS* (Grupo para a abolição das mutilações sexuais) – uma associação laica e apolítica fundada por pediatras e mulheres africanas e francesas para fazer a proteção. Além disso, esforça-se para expandir a informação e prevenir as práticas tradicionais nefastas: casamentos forçados ou precoces gestações seguidas.

Parafraseando Khady, esse é um trabalho lento com um único objetivo de educar as mulheres durante consultas ginecológicas ou de maternidade infantil, informando-as das complicações que podem acontecer devido à mutilação sexual, problemas ginecológicos, urinários, dificuldades de parto. As mulheres excisadas são submetidas a vários partos, a uma episiotomia ou mesmo a uma cesariana e, por serem gestações muito próximas e numerosas, em média quatro a dez crianças, agravam ainda mais estes problemas.

Khady escreveu este livro com o intuito de conscientizar as mulheres de que esse ritual nunca foi imposto pela religião. E para que as mesmas não deixem acontecer com suas filhas o que aconteceu com elas, pois essa barbaridade as fará sofrer pelo resto de suas vidas.

Khady nunca conseguiu ser feliz em seu casamento, o qual seus pais haviam lhe obrigado a aceitar, pois ela casou-se com um primo de terceiro grau, um

desconhecido que não teve carinho com ela nem na primeira noite. Ainda com dezesseis anos, deixou a escola, os amigos, seus pais e tudo que uma adolescente precisa nessa fase da vida, época das descobertas, na qual muitas crianças se perdem por assim dizer. Esse foi o grande motivo que levou seus pais a forçarem a filha a casar-se com um estranho, a super proteção de sua família.

Khady diz agradecer aos pais por tê-la mandado à escola, pois foi graças à educação recebida, ainda que limitada, que a permitiu evoluir, ter acesso a informações, ajudando a se tornar capaz dela mesma.

A autora fala o quanto gostaria que seu livro fosse um instrumento de reflexão e não de escândalo. E diz ter relatado sua vida não para exaltar suas glórias, mas para que a mesma ajudasse no combate contra a mutilação genital feminina, não apenas a esse tipo de violência, mas a todas as formas de violência contra mulheres.

4) Considerações finais

As automutilações sofridas por Khady e Clarisse podem ser consideradas físicas e psicológicas, pois se referem a duas histórias de meninas diferentes, países e culturas distintos, próximas, porém, por terem sofrido mutilações na infância e carregado este trauma para o resto de suas vidas.

Khady, apesar de todo o seu sofrimento, ainda escreveu um livro contando em detalhes toda sua vida. Dessa forma reviveu todos os momentos felizes e também tristes que passou, como se ela estivesse se mutilando outra vez; fez isso achando necessária a sua história para a evolução de sua comunidade senegalesa e para ajudar assim outras meninas iguais a ela.

A música Clarisse escrita por Renato Russo revela o alterego do cantor, na qual se identificam muitas de suas características, em sua composição Renato usa de um personagem para falar dele próprio, o seu eu interior, ou o seu outro eu. A música fala de uma realidade, não é uma história inventada, ela verdadeira é por isso que consegue toca tão fundo é por esse motivo que consegue ser tão triste e ao

mesmo tempo tão linda. E enquanto ele desabafa, também pede ajuda, de forma que as pessoas entendam e o ajudem não apenas ele mais todas as pessoas que passam por esse tipo de problemas, sem muitas perguntas, as quais talvez não queiram ou não saiba responder.

Através do presente artigo conclui-se que alguns artistas usavam a atividade da escrita ou qualquer outra forma de arte não apenas para expressarem seus profundos sentimentos, mas para darem vazão a um processo mutilante do qual não podiam esquivar-se ou resistir esteticamente. Nesse sentido entende-se que a forma que os artistas encontram para amenizar o sofrimento é a arte, de escrever ou pintar, essa é a forma sublime que eles encontraram para poder falar dos seus sentimentos sem serem questionados ou expostos à sociedade ou até mesmo de pedir socorro, que é um pedido corporal, uma infinita necessidade tanto de suas solidões físicas quanto escriturais.

Nesse contexto, a automutilação psicológica pode ser compreendida como a confissão mutilante dos sentimentos mais íntimos que são revelados de maneira universal e nunca individual.

Referências

A BIBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: **Royal Bible & Imprensa Bíblica Brasileira**; 1997.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Hortência dos Santos. Rio de Janeiro. F. Alves, 1991. 11 ed.

BLANCHOT, Maurice. **A solidão essencial**. O espaço literário. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

_____. **O desaparecimento da literatura**. O livro por vir. Trad. Leyla Pervone Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, Janaína de Cássia. **Corpo feminino e mutilação: um estudo antropológico**. Editora UFG, Goiânia, 2002.

DUBUFFET Jean. **Os filhos de Dionísio**: Arte loucura no pensamento de Jean Dubuffet. .Ind. SANTOS, Volnei Edson(Org). O trágico e seus rastros. Universidade Estadual de Londrina. www.uel.br/editora. 2004.

FREIRE, Junqueira. **Inspirações do claustro**. Editora Póstuma, 1885.

HERMANN, Kai e HORST, Rieck. **Eu Christiane F.,13 anos drogada, prostituída**. Trad, Maria Celeste Marcondes. Editora Difel, 1986.

KOITA, **Khady Mutilada**. Trad. Rejane Janowitzer. Rio de janeiro. Ed Rocco, 2002.

NANCY,Jean Luc. **58 Indicios sobre el cuerpo. Extensión del alma**. Traducción y posfácio de Daniel Alvaro, Buenos Aires, La Cebra, 2007.

NUCCI, M e DALGALARRONDO, P. **Departamento de psiquiatria e psicologia médica da FCM/UNICAMP**. Revista brasileira de psiquiatria. Vol 22. São Paulo 2000. Online. Googleacademico.com.br. Hrs13:24 minutos;

PINTO, Manuel da costa. Ind. RevistaCult. **O habeas corpus do corpo**.São Paulo. Editora 17, ano VI outubro 2002. p.15.

RUSSO, Renato. **Clarisse** 1997.

SÓFOCLES, **Édipo Rei**, Rio de Janeiro. Ed Ediouro, 1974.